

Sua alma lhe acompanha?



Resgato nesta crônica um precioso relato que minha sogra, Maria José de Moraes Carneiro Nascimento, ouvia de seu pai, capitão Firmino Fernando de Moraes Carneiro, engenheiro militar e ajudante de ordens do famoso marechal Rondon. Claro que, na época deste relato, o capitão Firmino já era coronel e estava no Rio de Janeiro prestes a se reformar do exército brasileiro.

A estória vem da verdadeira epopeia, na época, de se implantar uma linha telegráfica no norte do país, no que é hoje o Estado de Rondônia, aliás merecida homenagem a ele.

A logística era incrivelmente complicada: sem tratores, helicópteros, radiocomunicação etc. Era feito tudo na força física e na enxada.

A linha vinha sendo implantada com a ajuda dos índios locais, importantíssima para todos os trabalhos desde a escolha e o corte dos postes tirados das árvores em seu traçado, até a escavação e colocação destes postes.

Um capítulo interessante, já que os nativos, conhecedores da floresta, entravam e saíam dela já com o poste quase pronto e, praticamente, sem destruição da mata, e de cortes da vegetação.

A comida não era carregada, mas provida pela região: frutas, vegetais e pequenos animais. Enfim uma verdadeira lição para uma obra assim nos dias de hoje.

Só os cabos e acessórios de fixação eram levados.

A implantação ia em bom ritmo já que Rondon era um sensível líder, pedindo um trabalho eficiente e rápido, mas, dialogando a todo instante com os indígenas e respeitando, sempre, a sua cultura.

Mas ele estava preocupado com a próxima estação chuvosa que inundaria toda a área postergando o trabalho em mais um ano e a retirada de todos e paralisação total dos serviços.

Ficaria para a próxima estação da seca com o obrigatório retorno às suas casas, de toda a equipe e material.

Uma verdadeira “ducha de água fria” em todos e com a ausência de comunicação daquela parte do Brasil que continuaria mais longe ainda pela falta do telégrafo.

Assim o marechal pedia mais velocidade nesta implantação e os índios correspondiam com muito esforço.

Tudo era feito sem conversas e de modo acelerado. Equipes que entravam na mata e equipes que ficavam fazendo os furos no solo para cravar os postes.

E, pelo seu cronograma, Rondon sabia que inauguraria o telégrafo ainda naquele ano, ou, ao menos tinha muita esperança (ou fé?) em acabar o trabalho.

Observa-se que a comunicação nestas áreas tinha, também, objetivos estratégicos, já que, inicialmente, elas não faziam parte do país, pelo Tratado de Tordesilhas.

Havia, então, que se anexar a área norte ao Brasil, de todas as maneiras.

E velocemente tratavam de trazer a comunicação para aquele longínquo rincão brasileiro.

Mas, numa manhã, ao sair da barraca, Rondon viu os indígenas

sentados nos caixotes em atitude séria e solene.

Foi quando o líder deles destacou-se, e disse, em tom respeitoso, mas muito sério: “senhor Rondon, nós lhe prezamos muito e por isso atendemos aos seus apelos e viemos nessa correria pela floresta. Acontece que andamos tão depressa que nossas almas não conseguiram nos acompanhar e ficaram para trás. Estamos nos sentindo confusos e decidimos, então, esperar pela chegada delas. Assim que chegarem partiremos e faremos muita força para acabarmos a linha antes das chuvas!”.

Dito isso voltou ao meio dos seus companheiros e ficaram em solene silêncio.

Rondon percebeu que o apelo era muito sério e de que não adiantaria forçá-los a continuar e nem negociar algo como uma velocidade mais moderada nos trabalhos etc.

Assim Rondon entrou na sua barraca e abriu todos os projetos e documentos e passou a revisar o cronograma.

Em dado momento (difícil de saber quando) o líder índio entra na tenda do marechal e diz em voz firme: “estamos prontos!”

Rondon percebia até uma fisionomia mais relaxada, quase um sorriso estampado em sua face (dele e na do indígena!).

E saíram, animados, levantaram o acampamento e conseguiram completar a linha antes das chuvas.

Foi uma grande festa, uma comemoração vigorosa do objetivo, tão difícil, finalmente atingido.

Essa história vem sempre à minha cabeça pelos dias corridos em que vivemos hoje.

Estamos sempre apressados, atrasados, postergando tarefas e sentindo algo vago, internamente. Sempre me vem à cabeça de que “estou devendo algo para alguém”...

Quanta falta de concentração, atenção? É necessário isso? Não será a causa do conhecido e onipresente “retrabalho”?

Quando tenho esse sentimento penso: “minha alma não chegou”. Ficou em lugar ignorado e me tirou a “inteireza!”

Aí paro, tomo um café, dou um passeio ou coisa do gênero, até que ela volte e eu me sinta “inteiro” para continuar. Dirigir, sem alma, então, é muito perigoso!

Diria mesmo que: “se estiver sem alma não dirija...”!

Em sua sabedoria os índios respeitam o que sentem internamente, se respeitam.

Talvez essa falta da alma seja a responsável por tantas falhas que cometemos neste mundo contemporâneo.

Não será por isso que se diz: “o trabalho não ficou bom, foi feito sem alma”?

Ou “aquela pessoa é desalmada”? Velhos adágios, mas válidos até hoje!

Eis então um precioso conselho vindo dos nossos antepassados: “nunca se adiante à sua alma. Esteja sempre inteiro, com ela em seu interior, por que andar sozinho se você pode ter tão boa companhia?”. ☞

NESTOR SOARES TUPINAMBÁ

é engenheiro, mestre em urbanismo e consultor de transporte

E-mail: nstupinamba@uol.com.br